



A SEDUÇÃO NO DISCURSO COMO EFEITO ANALISADOR: PRÁTICAS DE LIBERDADE NA ESCOLA VIVA

- [1] Magalí Paraguassú Posse, magaliposse@saocamilo-es.br
[2] Lucas Raphael Vazzoler Freitas, lucasrv.freitas@gmail.com
[3] Pollyana Paraguassú Posse, pollyana.paraguassu7@gmail.com
[4] Marilene Dilem da Silva, mdilem@saocamilo-es.br
[5] Livia Dilem da Silva, lidilen@hotmail.com
[6] Claudia Aparecida Vieira Pinheiro, claudiavieira1999@hotmail.com
Centro Universitário São Camilo-ES

THE SEDUCTION IN THE SPEECH AS ANALYZER EFFECT: FREEDOM PRACTICES AT ESCOLA VIVA

Este trabalho apresenta uma discussão provocativa acerca do modo de produção capitalista contemporâneo. Utilizamos o discurso escolar como analisador das práticas pedagógicas, a sedução seria um modo de ação micropolítica em diversos níveis, buscando constranger a vida em sua diferença, controlando os desvios e aniquilando o outro de alguma forma. Optamos em desenvolver rodas de conversa, com os alunos das séries finais do ensino fundamental de uma Escola Estadual Integral localizada no sul do Espírito Santo. Os temas foram escolhidos pelos próprios discentes, podendo destacar: automutilação, *bullying* e suicídio. As psicólogas brasileiras Maria Helena Souza Patto e Ana Lucia Coelho Heckert contribuíram na discussão ao apresentar análises da educação brasileira na contemporaneidade, possibilidades de criação e mudança frente à biopolítica, como exercício de pensamento contestador nesse questionar da vida, impulsionando modos de vida mais éticos e que engendrem práticas de liberdade. Conclui-se que o próprio exercício da vida é um desafio, políticas de medo e preconceito conduziram a práticas de medicalização e judicialização da vida, tudo isso em nome de um certo modo hegemônico e legitimado de ser. Portanto, as análises apresentadas se inclinam no sentido de cuidar do outro, evocando um pensamento questionador e inerente aos processos.

Palavras-chave: Discurso, educação, escola.

This work introduces a provocative discussion about contemporary capitalist way of production. We use the school speech as analyzer of pedagogical practices, the seduction would be a micropolitics mode of action in a several levels, looking for embarrass life in its difference, it is controlling the deviations and annihilating the other in a some way. We opted in develop rounds of conversation, with the students of final series of elementary education from a State Integral School located in the south of Espírito Santo. The themes were chosen by the students themselves, which we can highlight: self-mutilation, bullying and suicide. The brazilians psychologists Maria Helena



Souza Patto and Ana Lucia Coelho Heckert added to the discussion to present analysis of Brazilian education in the contemporaneity, creation possibilities and change face to biopolitics, as an answering thought exercise about the question of life, impelling ways of life more ethical and that engenders freedom practices. It concludes that the exercise of life itself is a challenge, fear policies and prejudice has conducted medicalization practices and judicialization of life, all of it on behalf of a certain hegemonic way and legitimized of being. Therefore, the analysis shown lay on the sense to take care of the other, evoking an inquiring thinking and inherent to the processes.

Keywords: Discourse, Education, School.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Disciplina, Escola e Sociedade: Um discurso que seduz

No cais ninguém prestou atenção nos recém-chegados, mesmo quando eles depositaram o ataúde para aguardar o barqueiro, que ainda manipulava os cabos; ninguém os olhou mais detidamente [...] (KAFKA, 2002, p. 66).

[...] Oliver Twist era um pirralho, amarelo como um defunto e singularmente magro. [...]

— Por que você chora? — perguntou o sujeito do colete branco.

Era realmente [extraordinário]; por que razão choraria Oliver?

— Creio que você não deixa de rezar todas as noites — disse outro sujeito —, e rezar como bom cristão, por aqueles que lhe dão de comer e de vestir...

— Sim, senhor — balbuciou a criança. [...]

Imediatamente estabeleceram como princípio que os pobres pudessem escolher (não se forçava ninguém) uma destas coisas: ou morrer de fome lentamente se ficassem no asilo, ou morrer de repente se sãissem para a rua (DICKENS; 1837, 2013).

A escola¹ enquanto espaço pedagógico e disciplinar exerce grande importância na costura e molde das pessoas. As instituições de ensino moldam o comportamento das crianças, criando robôs humanos, geradores de lucro e riqueza. A missão de “instruir os povos” exerce autoridade moral, realizado por uma classe privilegiada para uma pobre, dessa forma constituindo uma polaridade política e social. A educação oferecida ao

¹ Defendemos nesse trabalho a escola enquanto instituição de [para] formação intelectual, não de reprodução, mas de criação, oferecendo dessa forma um olhar mais sensível para as experiências singulares. Nosso objetivo não é fazer uma polêmica, mas traçar problematizações, pois de acordo com Foucault no texto ‘Polêmica, Política e Problematizações’ em Ditos e Escritos IV (1997, p. 591) “o polêmico [...] procede atrelado a privilégios que detém antecipadamente e que não aceita nunca pôr em discussão [...] diante dele não está um companheiro na busca da verdade, mas um adversário, um inimigo que errou, que é prejudicial e cuja existência constitui uma ameaça”. A problematização ao contrário é trazer os dados, a pesquisa e o diálogo reflexivo das partes envolvidas produzindo assim novos possíveis.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

menos privilegiado² é aquela que vai de encontro à nova forma assumida pela produção: materialidade da riqueza³. Controles sociais são então forjados para inibir [vagabundos] e evitar que se tornem depredadores da propriedade.

“Já estou rouca e olha que essa turma é a mais calma, é quarta feira, ainda está de manhã” [fala de uma professora⁴ da escola]. Fonte: Diário de Bordo dos Pesquisadores

A instituição escolar colabora no intuito de endireitar os [erros].

² Sobre isso a pesquisadora Patto (1973) no livro **Privação Cultural e Educação Pré-Primária** que na verdade compreende a sua dissertação de mestrado, realizou um extenso estudo mostrando o fato de que a classe privilegiada (rica) recebe uma educação melhor, além de estarem mais [aptos] em detrimento ao pobre, este, visto como [deficiente cultural] – termo muito comum na década de 70. Este termo era utilizado para se referir as crianças e jovens carentes de estimulação visual, auditiva, social e afetiva, além da pobreza de modelos no lar e na vizinhança, atualmente e principalmente no discurso escolar essa forma de entender os indivíduos das classes menos favorecidas continua em êxito, porém se utiliza apenas a palavra [carente]. Todavia é válido lembrar que Patto, ao prosseguir seus estudos direciona seu olhar na questão do [biopoder] onde, através de marcos históricos [analísadores] consegue responder importantes questionamentos tais como “por que [como] o ambiente menos favorecido é deficitário?” “por que [como] o ensino público é precário?”. Ainda sobre o livro outrora mencionado, a pesquisadora utilizando estudos da análise experimental do comportamento em pesquisas com animais sobre a importância da estimulação ambiental para o desenvolvimento anatômico de várias partes do organismo, inclusive do sistema nervoso central (Krech, Rosenzweig e Bennet, 1960; Krech, Rosenzweig, Bennet, 1962) faz uma interessante provocação ao citar os resultados encontrados por Krech e sua equipe, “onde uma ninhada de ratos foi separada em dois grupos, os quais foram colocados em ambientes totalmente diversos: um deles foi criado em contato com pessoas, luzes, sons, objetos para manipular, etc.; o outro grupo de animais foi deixado num ambiente carente de qualquer tipo de estimulação. Quando adultos, os cérebros dos animais criados no ambiente enriquecido apresentaram várias diferenças em relação ao grupo pouco estimulado, diferenças essas de natureza anatômica e bioquímica: aumento do córtex cerebral – aumento das neuróglia, aumento do tamanho dos neurônios, aumento do calibre dos vasos sanguíneos que oxigenam e nutrem o cérebro – e aumento da quantidade de enzimas que desempenham um papel importante na transmissão de impulsos nervosos” (PATTO, 1973, p. 30-1).

³ Em **‘A verdade e as formas jurídicas’** Foucault (2001) faz uma importante observação “No século XVIII aparece uma forma de riqueza que é agora investida no interior de um novo tipo de materialidade, não mais monetária; que é investida em mercadorias, estoques, máquinas, oficinas, matérias-primas, mercadorias que estão para ser expedidas etc. E o nascimento do capitalismo ou a transformação e aceleração da instalação do capitalismo vai se traduzir neste novo modo da fortuna se investir materialmente. Ora, essa fortuna constituída de estoques, matérias-primas, objetos importados, máquinas, oficinas etc., está diretamente exposta à depredação. Toda essa população de gente pobre, de desempregados, de pessoas que procuram trabalho tem agora uma espécie de contato direto, físico com a fortuna, com a riqueza. O roubo dos navios, a pilhagem dos armazéns e dos estoques, as depredações nas oficinas tornaram-se comuns no fim do século XVIII na Inglaterra. E justamente o grande problema do poder na Inglaterra nesta época é o de instaurar mecanismos de controle que permitam a proteção dessa nova forma material da fortuna” (p. 100-1).

⁴ Durante o período em que estivemos na escola, fizemos entrevistas com os professores, através de um questionário com perguntas acerca do cotidiano escolar, os que aceitaram participar assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

Ou seja, antes que estes necessitem de punição, a escola produz a ortopedia social, que corrige os sujeitos de suas facetas perigosas – ainda que virtuais. O saber, neste ponto, se organiza em torno da norma, daquilo que é normal ou não, do que se deve fazer ou não fazer. Essa forma de poder é [...] típica da sociedade disciplinar (MACHADO; FREITAS, 2004, p. 46).

Nessa perspectiva o discurso escolar de controle e serialização tem ressonância e encaixe numa perspectiva ocidental, capitalista⁵ e racional que não consegue dar conta do singular, apenas do indivíduo, sendo que a singularidade vem antes do conceito de indivíduo, por isso chamaremos esse discurso de sedutor.

A tendência atual é igualar tudo através de grandes categorias unificadoras e redutoras – tais como o capital, o trabalho, um certo tipo de assalariamento, a cultura, a informação – que impedem que se de conta dos processos de singularização [...]. Uma deriva geral dos modos territorializados de subjetivação ocorre por toda a parte. Tradições milenares de um certo tipo de relação social e vida cultural são rapidamente varridas do planeta. Todas as pretensas identidades culturais residuais são contaminadas. Todos os modos de valorização da existência e da produção encontram-se ameaçados no desenvolvimento atual das sociedades. Até os valores mais tradicionais, mais bem ancorados, como o trabalho, estão sendo minados por dentro pelas revoluções industriais. Se analisarmos com cuidado o que se passa com as pessoas que inventam semióticas ricas e personalizadas, como é o caso do candomblé, veremos que elas não são completamente impermeáveis e autônomas em relação aos modelos dominantes (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 48-9).

No livro “Diálogo com Paulo Freire”, de Torres (2003) ao perguntar a Freire sobre educação, o mesmo aborda a impossibilidade de haver neutralidade na educação e ainda cita as duas formas de se fazer educação, através da libertação ou através da domesticação.

Todavia, ao “esquecer” que cada aluno ao chegar à escola é fruto de múltiplas relações que o atravessam e coloca-lo a normas e regras estabelecidas, sem antes procurar entender essas relações, é acima de tudo, se valer de um discurso sedutor. Essa sedução no discurso é sutil e passa por vezes despercebida, ela se apresenta na

⁵ Em o **Antiédipo**, Deleuze e Guattari (2004) fazem importantes [provocações] ao modelo psicanalítico estruturalista. Para esses autores o [sujeito] não existe, o que existe são as linhas de produção capitalista. Enquanto na psicanálise de Freud temos a libido e o fato da mãe ajudar a criança a se organizar parando no simbólico, na proposta [esquizo]analítica o desejo brota nos encontros acessados por fluxos desejantes, as máquinas desejantes estão por todos os lados. Tudo é produção – produção de produções, de reações, de ações, de distribuição e consumo. Tais autores mostram, como essas máquinas se ligam, para inventar conexões, e o desejo faz, continuamente, a ligação de fluxos incessantes.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

padronização das práticas, situação mortífera, onde o singular passa a ser tratado como coletivo.

“Basta entrar em um hospital psiquiátrico e/ou escola pública para perceber que a dignidade não está lá [...]”⁶

Embora Freud nunca tivesse escrito um tratado sobre educação, o mesmo não deixou de fazer severas críticas a educação de sua época, Millot (1987) no livro “Freud Antipedagogo”, nos faz lembrar que o criador da psicanálise em um primeiro momento da elaboração da teoria psicanalítica, havia percebido que a educação tinha um caráter patogênico, gerador de neurose.

Em 1910, o próprio Freud, percebendo o alto número de suicídios entre adolescentes, escreve o texto “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio” onde confirma o fato da existência de uma educação que é muito mais domesticadora do que libertadora “Ela [escola] deve lhes dar o **desejo de viver** e devia oferecer-lhes apoio e amparo [...] parece-me indiscutível que as escolas falham nisso” (p. 243, grifo nosso).

A literatura é uma importante ferramenta de mudança e transformação. O romance *Oliver Twist*⁷ do escritor Charles Dickens nos faz refletir sobre a situação da delinquência infantil, provocada pelas condições precárias da Inglaterra do século XIX, em plena era vitoriana, o personagem título ficou órfão, foi para um orfanato, onde tinha que trabalhar muito, havia poucos minutos de descanso, a comida era precária, não havia tempo de carinho, beijos e palavras bonitas para ele, nem tampouco para os outros internos. Em certo momento, Oliver, fraco e sem forças, ao pedir mais mingau de aveia a seus cuidadores, foi repreendido e expulso do orfanato, com apenas dez anos de idade (DICKENS; 1837, 2013).

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) [...] a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo

⁶ Fala da psicóloga e pesquisadora Maria Helena Souza Patto durante entrevista promovida pelo CRP/SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rI_VRBaVkl4>. Acesso em: 3 de abril 2018.

⁷ Foi o primeiro romance inglês protagonizado por uma criança e é considerado uma obra prima da literatura inglesa, o livro faz uma denúncia da vida precária das crianças pobres, foi diversas vezes adaptado para o cinema, a adaptação mais recente foi produzida pelo diretor francês Roman Polanski em 2005 sendo premiado no *Toronto International Film Festival* em 11 de setembro de 2005.



entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2001, p. 119).

É dessa forma que devemos entender o termo sociedade disciplinar, uma vez que, foi com ele que Foucault afirmou a característica produtora das relações de poder que a partir do século XVIII colaboraram com várias instituições⁸, expandindo-as, e que, inclusive, produziram certos tipos de sociedade.

Partindo dessa premissa temos a figura do panóptico, ideia concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham. O panóptico seria o tipo de prisão ideal, onde o vigilante poderia ver o preso, e toda a sua movimentação, a todo o momento. Dessa forma o indivíduo iria sentir-se constantemente vigiado, para Foucault (1995, 2001) a arquitetura dos dispositivos sociais de controle (escola, orfanato, prisão, hospital, fábrica) foi concebida na noção de Bentham.

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (FOUCAULT, 2001, p. 165-166).

Foucault (2001) deixa implícita a ideia de que o homem moderno nasceu no século XVIII, com esta vasta rede de produção da docilidade humana, nos mais variados dispositivos sociais, a começar na escola. Os procedimentos coercitivos utilizados nas prisões são exemplos de padrões da normalidade estabelecidos pela sociedade.

Pouco a pouco – mas principalmente depois de 1762 – o espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora

⁸ Após Foucault vasculhar a história da Medicina, da Psiquiatria, da Loucura, da Sexualidade, das Prisões, encontra jogos de Poder e Saber construtores daqueles que chamamos de LOUCO, CRIMINOSO, DOENTE, DOENTE MENTAL.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados (FOUCAULT, 2001, p. 125-126).

Essa sedução no discurso ocorre simultaneamente com a noção de disciplina nos aparelhos escolares, se a disciplina produz o elo coercitivo de corpos submissos e exercitados, o discurso que se apresenta depois é o da homogeneidade, cada discente condicionado a falar, sentar, levantar, pensar da mesma forma, não levando em consideração o potencial criativo, vivências de cada um, tornando-os sujeitos reprodutores das fórmulas e regras geridas naquele espaço.

2. A experiência das rodas de conversa: Práticas de liberdade

Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder... E se designar os focos, denunciá-los, falar deles publicamente é uma luta, não é porque ninguém ainda tinha tido consciência disto, mas porque falar a esse respeito – forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo – é uma primeira inversão de poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder (FOUCAULT, 1995, p. 75-76).

... se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a 'educação bancária' pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação. Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. Não fazemos esta afirmação ingenuamente. Já temos afirmado que a educação reflete a estrutura do poder, daí a dificuldade que tem um educador dialógico de atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo. Algo fundamental, porém, pode ser feito: dialogar sobre a negação do próprio diálogo (FREIRE, 1970, p.70-1).

Pra Foucault não existe liberdade e sim práticas de liberdade, desenvolveu sua teoria pensando em Nietzsche, onde bem e mal são parâmetros morais que devem ser superados, não existe a face má que nos torne bons. Sendo assim, é possível criar estratégias para driblar o capitalismo, criando possíveis [práticas] de liberdade. Esse é o principal desafio na maquinaria escolar!

Retomando as análises de Foucault (1999), eis que ao final de sua vida ao escrever 'História da Sexualidade', procurou fugir de uma compreensão do poder como sendo somente dominação, o indivíduo não é alvo passivo de relações de poder. Ele



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

associou o poder disciplinar com o bio-poder ou biopolítica, este, diferente das disciplinas é composto pelo corpo de forças ao nível da espécie humana.

Ao que essa nova técnica de poder não disciplinar se aplica é – diferentemente da disciplina, que se dirige ao corpo – a vida dos homens, ou ainda, se vocês preferirem, ela se dirige não ao homem – corpo, mas ao homem vivo, ao homem ser vivo; no limite, se vocês quiserem, ao homem – espécie. Mais precisamente, eu diria isto: a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc [...] (FOUCAULT, 1999, p. 289).

Tal conceito seria, portanto, as estratégias que se instalam sobre a vida na perspectiva de preocupação com o humano enquanto membro de uma espécie complementa o fator disciplinar, no sentido de maximizar o controle sobre os processos da vida humana, através da organização e gestão da cidade e fenômenos de massa.

Diferente do poder soberano, no biopoder deixa-se morrer, para fazer viver alguns, isto é, em nome de um certo modo de vida (hegemônico e, portanto, legitimado) “autoriza-se” o extermínio daqueles que podem ameaçá-lo. Deixar morrer, dessa forma, pode se referir tanto ao não provimento de melhores condições de vida para uma parcela da população, quanto ao extermínio propriamente dito. Nesse caso, é possível afirmar que se trata de uma prática de fazer morrer, mais do que deixar morrer. Assim, não é qualquer população que pode ser descartada. Existe um processo histórico e cada vez mais intenso de produção de classes perigosas que podem, então, ser eliminadas pelo bem restante. Tal artifício tem sido construído vinculando-se a população pobre à noção de perigo e/ou ameaça (LACAZ; ROMANIO; GOTARDO; HECKERT, 2012, p. 13).

Até quando iremos aniquilar a vida do menos favorecido?

É preciso parar de criminalizar professores e/ou alunos por conta dos eventuais problemas que ocorrem no cenário escolar, analisando as situações antes não pensadas, não faladas, que estão represadas pelo modelo e, portanto produzindo a precariedade na educação. Nessa perspectiva Patto (2007) faz pertinentes considerações.

A CONSCIÊNCIA da precariedade da escola oferecida às crianças das classes populares – uma escola que, como regra, não garante mais nem mesmo alguma capacidade de ler e escrever – tornou-se de domínio público. A cada publicação de resultados de pesquisas dos níveis de aprendizagem das matérias escolares de alunos da rede pública brasileira de ensinos Fundamental e Médio que confirmam o desastre, surgem editoriais e reportagens na mídia que denunciam o estado de coisas



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

vigente. Usuários dessa escola, com os quais convivemos no cotidiano, referem-se com frequência a filhos ou parentes que estão nas últimas séries do Ensino Fundamental ou mesmo no Ensino Médio e mal conseguem ler. Alunos e ex-alunos do Ensino Médio regular ou Supletivo falam do quase nada que lhes é ou foi ensinado. Entrevistados sobre o assunto, políticos e especialistas não raro responsabilizam usuários e professores (PATTO, 2007, p. 243).

O [território] escolar é cheio de peripécias! Tendo toda essa compreensão a respeito do funcionamento da maquinaria escolar, um grupo de acadêmicos do último ano do curso de Psicologia, realizou estágio obrigatório em duas linhas de pesquisa: saúde do trabalhador e práticas comunitárias na educação em uma escola estadual de regime integral localizada no sul do Espírito Santo. Tais estagiários desenvolveram diversas atividades com a equipe docente e discente, podendo destacar: palestras, rodas de conversa, práticas corporais de relaxamento, oficinas.

É válido lembrar que a entrada da psicologia na escola objetiva práticas institucionais não podendo haver intervenções clínicas.

Sabendo da importância do trabalho psicológico dentro das escolas, é válido ressaltar que a presença deste profissional é muito solicitada pela classe educacional e famílias, no entanto, é ainda compreendido, na maior parte das vezes, como aquele que deverá tratar os alunos problemas e devolver as salas de aula, ajustados. Porém, tal visão caracteriza a intervenção clínica, prática que deve ser abolida das escolas e revela a necessidade de matrizes solidificadas que fundamentem uma prática institucional, deste profissional, tão requisitado e tão pouco compreendido (ANDRADA, 2005).

De acordo com o CFP (Conselho Federal de Psicologia) na resolução nº 02/01, destacamos as seguintes possibilidades de atuação do psicólogo escolar:

- a) Aplicar conhecimentos psicológicos na escola, concernentes ao processo ensino-aprendizagem, em análises e intervenções psicopedagógicas; referentes ao desenvolvimento humano, às relações interpessoais e à integração família comunidade-escola, para promover o desenvolvimento integral do ser;
- b) Analisar as relações entre os diversos segmentos do sistema de ensino e sua repercussão no processo de ensino para auxiliar na elaboração de procedimentos educacionais capazes de atender às necessidades individuais (CFP, 2001).

Os acadêmicos de Psicologia ficaram nesta escola estadual no período de março a novembro de 2018. Faziam a supervisão do estágio na faculdade com os professores do curso. Das atividades desenvolvidas, o foco deste artigo é argumentar sobre a



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

experiência das rodas de conversa que foi feita com os alunos das séries finais do ensino fundamental.

As rodas aconteceram no horário das aulas com agendamento antecipado, duravam cerca de 50 minutos. E quando estavam nas rodas não eram obrigados a falar, apenas se quisessem. Os temas dessas rodas foram escolhidos pelos próprios alunos. Nada era imposto, a única regra era ter respeito às falas do colega.

Nas turmas de sexto e sétimo anos o tema das rodas foi *bullyng*.

O objetivo do estágio é promover [práticas] de liberdade, engendrando novas formas de invenção e criação. Estamos cientes da dificuldade, a tendência do capitalismo é igualar⁹! É preciso deixar o fluxo acontecer, não pode parar no simbólico!

Tendo por base a temática *bullying*; trouxemos reportagens sobre o assunto como disparadores iniciais, cada grupo ficou com uma reportagem e em seguida numa plenária deveriam discorrer sobre tal assunto. Foi interessante que os alunos começaram a falar de experiências pessoais. Gritos começam a ser “ouvidos”. Foi emocionante!

Nas turmas de oitavo e nono anos o tema das rodas foi automutilação e suicídio, lembrando que todos esses temas foram escolhidos pelos próprios alunos.

Entretanto ao nos depararmos com tais temas, percebemos que eles estão intimamente relacionados com o corpo.

Em supervisão, na faculdade, estudamos essas questões tendo como pergunta provocadora “o que pode um corpo?”.

Nessa perspectiva fizemos uma linha do tempo, estudando a crise nas instituições disciplinares e a dificuldade da escola em perceber esse corpo que pulsa, que fala, que sente e que acima de tudo é singular.

⁹ Guattari (1981) na obra **Revolução Molecular** especificamente no ensaio ‘As creches e a iniciação’ nos mostra o contato da criança na escola, e o enquadramento do corpo infantil no modelo capitalista ancorado as novas tecnologias de comunicação e informação “Hoje estamos longe do tempo em que se dizia aos jovens: ‘Você vai ver, durante seu serviço militar, vão pôr você na linha, vão fazer de você um homem...’ Não se pode mais esperar tanto tempo assim. A precocidade do adestramento da criança implica uma mudança de método. Este tende a recorrer, cada vez menos, a sistemas de coerção materiais – pode-se dispensar a palmatória, o castigo – e, cada vez mais, a técnicas de impregnação audiovisuais que fazem o trabalho com suavidade, e em muito maior profundidade” (p. 52-3). Ainda sobre essa questão da tecnologia audiovisual complementa “a televisão tomou a si uma série de tarefas que cabiam aos professores, às mães de família. É ela a babá, que tomou o lugar de um certo tipo de relações que se estabeleciam antigamente [...]. Toda a linguagem que nela é produzida está a serviço de um certo tipo de formação, de iniciação às diferentes engrenagens da produção e do campo social” (p. 53).



A tão sociedade disciplinar postulada por Foucault está em transição para a sociedade de controle, termo dado por Deleuze (2013) em seu *Post-scriptum* e desenvolvido mais profundamente por Hardt¹⁰ e também Hardt e Negri¹¹. Os muros das instituições estão desmoronando, com a falta dessas barreiras, o controle sob o comportamento se torna mais intenso e sutil, invisível e, portanto, descentralizado.

“Eu gosto da vigilância, nossa escola tem várias câmeras, acho que deveria ter câmeras na sala de aula também, entendo que pode haver punição de ambos os lados (aluno e professor) entretanto, é um mal necessário” [fala de uma professora]. Fonte: Diário de Bordo dos Pesquisadores

Por sociedade de controle¹², Deleuze (2013) aponta uma continuação das análises de Foucault sobre os funcionamentos do poder na contemporaneidade, incorporando à disciplina foucaultiana a noção de controle permanente e multifacetado que vivemos atualmente. Controlar não se liga mais somente a noções de coerção e disciplina, mais sim de um controle sutil em diversos níveis, como o midiático, cultural e com grande ênfase no controle realizado por uma homogeneização subjetiva.

Dessa forma, controle inclusive do exercício da vida ao ar livre, onde alteram as antigas disciplinas e suplicam, cada vez mais, produções farmacêuticas inéditas, novas configurações familiares, avanço nas tecnologias de comunicação e informação, engenharia genética.

Na sociedade de controle os muros começam a desmoronar, essa questão não é tão simples assim, isso acontece quase que estrategicamente¹³, mas ao mesmo tempo também temos vivido a reconstrução de diversos outros muros. O espaço da intimidade, necessário a leitura e escrita, vêm cada vez mais dando lugar a exposição, fator que

¹⁰ HARDT, M. **A sociedade mundial de controle**. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 1996.

¹¹ HARDT, M; NEGRI, A. **Empire**. Massachusetts: Harvard University Press, 2000.

¹² “[...] em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: as sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser” (DELEUZE, 2013, p. 219 -20).

¹³ É válido frisar que Deleuze (2013) reiterou que em cada sistema de organização se enfrenta liberações e conformidades, nessa perspectiva, não se deve temer ou expectar, mas almejar novas armas de enfrentamento, de invenção e resistência.



induz ao isolamento e robotização das práticas, diminuindo a sensibilidade (DELEUZE, 2013).

A vida volta-se para uma época de assujeitamentos econômicos, políticos e subjetivos, pautados pela determinação do produto, de sua venda e de seu mercado. As organizações, neste regime, são essencialmente dispersivas e caracterizam-se sob a forma de empresa; primam pela busca da eficiência e do controle feito a céu aberto, pulverizado em diversas direções (MACHADO; FREITAS, 2014, p. 50).¹⁴

Um muro que está sendo erguido atualmente entre os adolescentes é a automutilação, o que leva um aluno a se mutilar?

Na atualidade, a vida humana se tornou uma espécie de Big Brother, George Orwell se aproximou de diversas vivências contemporâneas ao escrever “1984” livro escrito originalmente no ano de 1948, o autor coloca uma sociedade em que o governo controla estritamente a informação. O livro é considerado uma distopia, tendo como cenário uma sociedade governada pelo totalitarismo do Partido, onde os fatos são distorcidos e impera censura e vigilância constante na população (ORWELL, 2009).

De uma maneira geral as rodas nos proporcionaram importantes reflexões acerca do viver contemporâneo, nessa sociedade de controle, da rapidez, do capitalismo. Os alunos se mostraram satisfeitos com essa experiência e colocaram a necessidade de haver mais momentos como esses, ou seja, espaços de escuta com [liberdade].

Na verdade a experiência das rodas de conversa nos colocou diante de dois muros; a complexa diferença entre ensino público/privado e as questões pessoais trazidas pelos alunos. O que fazer diante de tal realidade?

Ver de um jeito agora e de outro jeito depois. Ou melhor ainda ver na mesma hora os dois (MASUR, 1990, p. 32).

Patto (2007) mais uma vez traz uma importante reflexão, acerca do ensino público brasileiro contemporâneo.

O que queremos é sublinhar a regra: a improdutividade dos ensinos Fundamental e Médio como principal produto da escola pública, há muito apontada na literatura especializada, atingiu proporções inaceitáveis. Nesse terreno, criam-se bolsas-família que têm como exigência a

¹⁴ Machado e Freitas (2013) salientam ainda que este formato capitalista cria subjetividades serializadas ao que afirmam Guattari e Rolnik (2013) criando o mal-estar da vida e produção de diferenças. “No campo das produções de subjetividade, a manifestação das metamorfoses sintomáticas atuais, denotam o mal-estar ao qual somos tributários. Conjuntos de forças e fluxos, presentificados em certa temporalidade, circunscrevem paisagens e colocam desafios ao princípio ético de favorecer a vida” (MACHADO; FREITAS, 2014, p. 50).



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

obrigatoriedade de frequência à escola das crianças das famílias beneficiadas, não importa a qualidade do ensino oferecido, e crescem programas educativos desenvolvidos por organizações não-governamentais que não concebem a educação como direito à formação intelectual – ou seja, à informação que fundamenta a reflexão e mobiliza a práxis –, mas ensinam, em chave assistencialista e à guisa de "inclusão social", passos de capoeira, noções de algum esporte, padaria e confeitaria, arremedos de artesanato, às vezes nos próprios prédios escolares. Tais programas em geral promovem formas de "inclusão marginal", não raro de natureza perversa. Paralelamente cresce uma rede de empresas privadas de Ensino Superior, de ingresso fácil e de qualidade duvidosa, recentemente beneficiadas pelo governo federal por meio do Pró-Uni (PATTO, 2007, p. 244).

Na verdade, percebemos que a escola pública contemporânea tem se tornado um espaço planejado de gestão da vida e dos riscos. Ela é postulada por políticas governamentais alçadas em boa parte dos casos sem contato e interlocução com os professores, alunos e família. Situa-se entre discursos de cidadania, produção de subjetividade com compromisso social e práticas assistencialistas objetivando remição de inúmeras deficiências (HECKERT; ROCHA, 2012).

Nessa perspectiva, múltiplas questões se colocam para os professores e demais membros da equipe escolar, aumentando impasses e fatores ético-morais de novas premissas apresentadas, sobre as quais: “os interesses das indústrias de medicamentos; as condições de trabalho; as práticas de avaliação no campo das políticas públicas, tecidas por uma “vontade” de resultados pragmáticos” (HECKERT; ROCHA, 2012, p. 87).

“O Brasil figura como o segundo país de maior consumo de Ritalina (metilfenidato), psicotrópico largamente prescrito para tratamento do suposto transtorno de déficit de atenção e hiperatividade” (TDAH) (HECKERT; ROCHA, 2012, p. 89). Entendemos assim tal droga sendo oferecida como um ‘cala a boca’ um ‘fica quieto’ um ‘fica sentado’ um ‘não me interessa o que você está sentindo’.

Considerações Finais

Ao analisar o discurso escolar, encontramos técnicas de sedução, sorratamente disfarçadas, escondidas em meio a normas e protocolos, não indo de encontro ao singular, mas do conjunto. O capitalismo não é apenas um sistema econômico, mas político, cultural, social. Percebemos jogos de interesse envolvidos em tudo isso.

Em tempos de dispersão, de explosão capitalística, os alunos contestam, tem dificuldade em aceitar o confinamento. Estamos na sociedade de controle, complemento



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

a sociedade disciplinar. A medicalização tem se tornado uma forte aliada para a prisão esquadrihada, principalmente no público pertencente a camadas mais inferiores, ao passo que o avanço das tecnologias de comunicação tem propiciado um aumento significativo no que tange a vigilância dos corpos acadêmicos, dando lugar a espaços abertos, conectados em redes.

Sabendo que as práticas dentro da escola estão majoritariamente em aspectos de reprodução de normas onde a invenção é represada pelo modelo, a experiência das rodas de conversa realizadas pelos acadêmicos de Psicologia propiciou a escuta de gritos que não eram ouvidos. Para que possamos pensar a escola enquanto espaço de socialização, agradável e sensível para os atores envolvidos, o olhar ao singular se torna uma necessidade, a inserção do profissional da psicologia, atuando dentro das escolas, na melhoria do processo pedagógico é uma possibilidade. A educação deve ser a prioridade, uma vez que o humano do amanhã se encontra ali.

O trabalho em questão conclui-se numa crítica severa as noções clássicas tanto de sociedade, subjetividade e intervenção no campo da psicologia. Levando em consideração análises ampliadas sobre a produção subjetiva no contexto capitalista contemporâneo, uma mudança de postura saindo de uma neutralidade científica para uma entrada política em nossas intervenções, bem como um desafio ético de analisar-intervir no real a partir dos acontecimentos analisadores.

Referências

ANDRADA, E. G. C. Focos de intervenção em psicologia escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, Paraná, v.9, n.1, jun. 2005.

BRASIL. Resolução nº 02/01, de 10 de março de 2001. Altera e regulamenta a Resolução CFP no 014/00 que institui o título profissional de especialista em psicologia e o respectivo registro nos Conselhos Regionais. **Conselho Federal de Psicologia**, Brasília-DF, 2001.

DELEUZE, G. **Conversações**. 3 ed. Tradução de Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. São Paulo: Hedra, 2013. 488 p. Tradução de: Machado de Assis e Ricardo Lísias.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.



VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS
VI SEMINÁRIO DO PIBID
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18
FORTALEZA - CE

_____. **Em Defesa da Sociedade:** curso no collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Vigiar e punir:** o nascimento da prisão. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

FREUD, S. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. 1910 In: _____.
Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.
Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 11.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** Cartografias do Desejo. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Revolução Molecular:** pulsações políticas do desejo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HECKERT, Ana Lúcia Coelho; ROCHA, Marisa Lopes da. A maquinaria escolar e os processos de regulamentação da vida. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, n. 24, p.85-93, 2012.

KAFKA, F. O caçador Graco. In: _____. **Narrativas do espólio (1914-1924).** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo:** uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. 1997. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MACHADO, L. A. D.; FREITAS, M. C. A. Movimentos de medicalização na educação: entre práticas disciplinares, subjetivações e resistências. **Informática na educação:** teoria e prática, Porto Alegre, v. 17, n. 1, jan./jun., p. 45-60, 2014.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

ORWELL, G. **1984.** Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2009.

PATTO, M. H. S. **Privação Cultural e Educação Pré-Primária.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

_____. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

_____. "Escolas cheias, cadeias vazias" nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p.243-266, set. 2007.

TORRES, C. A. **Diálogo com Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003.